O canto do sabiá-laranjeira

Bruno Emanuel

EDITORA

O canto do sabiá-laranjeira

Bruno Emanuel

“O sabiá-laranjeira habituou-se a observar aquele triste senhor, preso ali em sua gaiola, prometeu visitá-lo diariamente e rezar muito para que ele se curasse.”

FICHA TÉCNICA

O canto do sabiá-laranjeira - Bruno Emanuel
1ª edição – Natal/RN – Novembro/2020
Copyright©2020 Bruno Emanuel
Direção: Rilder Medeiros
Projeto Gráfico e Diagramação: Franco Mathson
Ilustrações: Ezekiel Moura
Edição: João Paulo Cirilo
Revisão: João Paulo Cirilo e Bethânia Lima

É proibida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta obra, para qualquer meio existente ou que venha a ser criado, sem a prévia autorização por escrito dos autores, exceto para fins de divulgação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Emanuel, Bruno
O Canto do Sabiá-laranjeira / Bruno Emanuel.
1. ed. Natal, RN: M3 editora, 2020.
ISBN 978-65-990942-3-1
1. Contos brasileiros I. Título.
20-44870 CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Contos: Literatura brasileira B869.3
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Instagram.com/m3editora
Telefone: (84) 3201-0501
Vendas online: www.m3editora.com.br

Sumário

Prefácio
1. A história de amor entre Marcos e Marta
2. Bárbara e seu avô Marcos
3. O canto do sabiá-laranjeira
4. As anotações de Marcos acerca da morte
5. Cartas para Bárbara
6. Isabelle em Paris
7. A fuga de Luísa
8. Dona Marta do *croissant* do Seridó
9. O homem duplicado
10. A menina-mulher da pele preta
11. Veronica
12. Dr. Daniel diante da vida e da morte
13. O reencontro de Dona Marta com a vida
14. Matteo na plantação de girassóis na Toscana
15. Roberto e seu Carpe diem
16. O retorno de Luísa
17. O encontro e a despedida
18. Bárbara e Isabelle

Post scriptum

Prefácio

Canta, sabiá.

Eu se fosse você, reservaria uma tarde de domingo, dispensaria o celular e o futebol, desligaria a televisão. Procuraria um lugar agradável, uma rede avarandada, uma sombra refrescante, um café bem forte. Uma música ajudaria. Quem sabe um solo clássico tocado num oboé? E aí então tomaria este livro preparado para uma experiência agradável, um deleite, uma provocação intelectual e um prazer como poucas vezes temos oportunidade de apreciar.

Pois é isso que O canto do sabiá-laranjeira de Bruno Emanuel nos traz: um lirismo profundo e enganador, porque sob a descrição de flores, livros, lugares, museus, amores e separações, encontros e despedidas, há também (e principalmente) reflexões profundas sobre a vida e a morte, sobre a existência enfim, pois ambas, vida e morte, são faces da mesma moeda, assim como a noite é parte do dia.

Mas não é só sobre isso que Bruno Emanuel, uma estreia surpreendente no mundo literário, se debruça de forma sutil, tecendo, como se fosse uma rendeira da Vila de Ponta Negra, um bordado de relações, de chegadas e partidas, marcadas pela solidariedade e carinho tão necessários em nossos dias.

Bruno vai nos colocar frente a questões como violência contra a mulher, suicídio e machismo, nos obrigando a rever, às vezes, os nossos conceitos (ou preconceitos). Isso tudo sem ser panfletário e sem cair na armadilha da literatura dita engajada.

O pano de fundo é a pandemia, a COVID-19 e a quarentena.

O cenário é multivariado: o Seridó, a Festa de Sant'Ana, Martins, a praia da Redinha, o Rio Potengi, o Forte dos Reis Magos, a Vila de Ponta Negra, o Morro do Careca. E de repente estamos em Florença, em Paris, visitando o Louvre, sentindo o gostinho da pasta e dos croissants, de Caicó ou da França. E também no quintal da casa do avô, na torre da Catedral de Sant'Ana de Caicó, no Cemitério do Alecrim em Natal...

A companhia não podia ser mais seleta. Bruno nos coloca entre autores consagrados como Júlio Verne, Gabriel García Márquez, Clarice Lispector, Adélia Prado, Drummond, Vinícius de Moraes, Cora Coralina, Cecília Meireles, Auta de Souza, Antoine de Saint-Exupéry, Mário Quintana, Henriqueta Lisboa, Luís da Câmara Cascudo, Camus, Saramago. E nos faz lembrar o som do Abba, Miles Davis, Tim Maia, John

Denver, Vinícius. Além de nos fazer ver Luiz Gonzaga cantando em praça pública.

E é um livro dominado (que bom) pelas mulheres. Marta, Isabelle, Veronica, Luísa, Fernanda, Odete, Beatriz, Marina, Larissa e Bárbara são os fios condutores desse bordado, em que os homens são meros coadjuvantes. Faz-nos lembrar das personagens femininas fortes da nossa literatura: Maria Moura, Ana Terra, Diadorim.

Avisei antes: é um lirismo que maravilha, mas sem deixar de nos convocar à reflexão.

Bruno é sutil e paciente como uma bordadeira, mas firme no que escreve. Ao tratar da morte nos traz nomes abalizados: Hemendra Nath Banerjee, Ian Stevenson, Elisabeth Kübler-Ross e Allan Kardec. No capítulo Dr. Daniel diante da vida e da morte, o momento chave do livro, a tia Beatriz faz esclarecimentos que, sem serem doutrinários, são profundamente elucidativos. E em O homem duplicado, Bruno descreve uma experiência emocionante, em que Roberto, internado na UTI, assiste em desdobramento ao nascimento do seu filho.

São pontes. São links. São meios que o autor usa para nos trazer sempre de volta para o tema que deveria ser chave em nossas vidas. A vida e a morte, a sobrevivência, o sentido do existir, o transcendente, a fraternidade, as ações solidárias e as nossas responsabilidades perante essas descobertas. Afinal, existe forma maior de refletir sobre a vida do que pensar sobre a morte? Peço licença para citar mais um autor - Maiakóvski, que perante o suicídio do seu amigo Iessiênin, escreveu: “Morrer não é difícil; difícil é a vida, e o seu ofício”.

Bruno Emanuel, repito, é uma grata revelação. Estreia em um gênero difícil, a novela, meio caminho entre o conto e o romance. E, mais difícil ainda, não faz literatura de entretenimento, e sim de provocação. Seja bem-vindo, meu amigo querido. Você não imagina o bem que fez ao meu coração. Siga nos seus bordados literários, na sua renda de palavras, maneje seus bilros poéticos, teça esse mundo maravilhoso que só a literatura nos dá. O sabiá é bem-vindo e veio para ficar. Seu canto embeleza nossas vidas e nos leva a pensar. Afinal, não é essa a função maior da literatura?

Portanto, leitor, se acomode. Sinta-se em casa e aceite o meu convite: leia, com vagar, O Canto do sabiá-laranjeira. Ao final alguma coisa há de mudar em você. E você deverá isso aos trinados desse sabiá. Aí será hora de fechar o livro e os olhos e abrir o coração, dizendo como eu disse, antes de você: canta, sabiá, canta.

Nilo Emerenciano. Escritor, Arquiteto.

Natal, agosto de 2020.